

RESENHA

ISHII, Raquel Alves. **William Chandless: arte e ofício em literatura de viagem pelas Amazôniaas**. Rio Branco: Nepan Editora, 2019.

Bruna Wagner¹

A professora e pesquisadora da Universidade Federal do Acre, do curso de Letras/Inglês, Raquel Alves Ishii é mestra e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre. Atua ativamente como pesquisadora e possui como alguns de seus temas de estudo literatura Pós-Colonial, literatura de viagem e discursos etnocêntricos sobre a Amazônia. A obra “William Chandless: arte e ofício em literatura de viagem pelas Amazôniaas” (2019), publicado pela Nepan Editora, é fruto de sua pesquisa realizada durante o curso de mestrado (2011) no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, da Universidade Federal do Acre, sob o título de “Viagens do homem que virou rio: narrativas, traduções e percursos de William Chandless, pelas Amazôniaas, no século XIX”.

O texto tem por objetivo analisar a mediação cultural, bem como o discurso etnocêntrico, em relatos a respeito dos rios da “Amazônia” brasileira escritos pelo viajante inglês William Chandless. Ishii busca em autores como Edward Said, Mary Louise Pratt, Michel de Certeau, Hideraldo Costa, Stuart Hall, Eni Orlandi, Keith Thomas, Walter Benjamin, entre outros, as bases para fundamentar sua pesquisa. Esses autores são responsáveis por seu modo de olhar o objeto de pesquisa e encontram-se diluídos ao longo de todo o texto.

Em seu percurso na pós-graduação a autora passou a perceber que noções universalizantes de “cultura”, bem como de “Amazônia” e demais palavras/conceitos que encabeçavam sua pesquisa desmoronaram. A partir disso, Ishii passa a entender

¹ Licenciatura em Letras - Língua e Literatura Portuguesa e Inglesa. Mestra em Estudos de Linguagem, doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade - PPGLI da Universidade Federal do Acre - UFAC.

que “áreas do conhecimento” não são campos definidos de maneira rigorosa. Assim, as diversas áreas são porosas, absorvendo e contribuindo com áreas outras. A porosidade entre áreas serve como alicerce para a execução da pesquisa de Ishii, contribuindo, segundo a autora, com a ampliação de suas perspectivas de compreensão para com as múltiplas realidades humanas. Como objetivo inicial o trabalho de Ishii pretendia averiguar produções identitárias cunhadas nos relatos de viagem de William Chandless, visando o “levantamento das descrições feitas por esse viajante acerca das ‘culturas amazônicas’”². Contudo, em seu percurso investigativo, a autora percebeu que tratar de tal tema requer noções que ultrapassam o objetivo primeiro de sua pesquisa, pois observou que o que William Chandless relatou em suas viagens não possui base apenas em suas experiências, mas uma série de vozes de diferentes épocas concomitantemente perpetuam um discurso etnocêntrico.

Diante disso, para escrever a sobre os relatos do naturalista inglês Ishii sentiu a necessidade de recorrer a outras fontes, outros discursos que formam determinadas “representações” a respeito das “culturas amazônicas” relatadas. Isto posto, o discurso produzido por William Chandless que diz respeito a um recorte de “culturas amazônicas” não emerge apenas a partir da pena do autor, mas antes e depois disso, historicamente, fazendo parte de uma historicidade que emprega determinadas características, discursos, ao que é nomeado como “Amazônia”. A partir disso, Ishii busca problematizar em seu trabalho elementos como “homem e natureza, [...] ciência, política e estado, [...] linguagem e identidade” (p. 25), bem como relacionar relatos de outros viajantes que trataram de “Amazônia” no século XIX. Este esforço visa compreender as motivações que faziam com que esses viajantes utilizavam predominantemente certos discursos e descartavam outros.

O *corpus* escolhido pela autora teve como uma das motivações o fato de William Chandless ser pouco abordado em estudos que possuem como objeto de análise relatos de viagem. Ishii trabalha cinco relatos de viagem de William Chandless, publicados na revista da inglesa “*Royal Geographical Society*”, sendo eles: “*Notes on*

² ISHII, Raquel Alves. **Viagens do “homem que virou rio”: narrativas, traduções e percursos de William Chandless, pelas Amazônia, no século XIX.** 121f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2011, p. 15.

the Rivers Arinos, Juruena, and Tapajos” (1862); “*Ascent of the River Purus*” (1866); “*Notes on the River Aquiry, the principal Affluent of the River Purus*” (1866); “*Notes of a Journey up the River Juruá*” (1869) e “*Notes on the Rivers Maué-assú, Abacaxis and Canumá*” (1870). O texto de Ishii se apresenta por meio de três capítulos, sendo eles: Do diário ao relato científico; Os habitantes do “inferno amazônico”; Práticos negros, guias, remadores e viajantes e Considerações Finais. Além disso, a obra conta com apresentação de Leopoldo M. Bernucci e prefácio de Alceu Ranzi.

A autora salienta que os relatos tecidos por esse viajante se enquadram no que é entendido por discurso científico. Nos escritos traçados por Chandless, observa-se um processo de inferiorização das culturas amazônicas em relação à cultura europeia, mas também ocorre um outro processo que nos permite observar as relações dialógicas que acontecem nos encontros entre culturas. Essas relações são calcadas pela percepção do “um” e do “outro”, ou seja, um sujeito é percebido/constituído na medida em que se relaciona com um outro diferente de si.

Baseada em sua leitura de Edward Thompson, Ishii aponta que é importante atentarmos para além daquilo que nos é revelado pelo texto, procurar nas margens, nos silêncios, naquilo que é ocultado aos olhos. Assim, a autora precisou lançar mão não apenas de suas bases teóricas e de seu corpus investigativo, mas buscar outras fontes de apoio para que os silêncios dos textos que lia pudessem ser desvendados.

Nesse percurso Ishii munuiu-se de fontes auxiliares, como cartográficas, para subjetivar aquilo que estava sendo descrito nos textos de Chandless, como espaços geográficos amazônicos, dificilmente imaginados sem o auxílio de tais materiais. A utilização desses materiais não fez com que Ishii deixasse de lado o significativo papel que a narrativa geográfica desempenhou como alicerce para dominação, pois ações como nomear, catalogar, mapear, entre outras, foram e ainda são instrumentos de dominação. Assim, observo que o olhar de Ishii busca a todo momento fugir de essencializações, idealizações ou reducionismos, pois faz um exercício de reflexão a respeito de suas fontes, métodos e teorias que serviram de munição para a tecitura do produto final de sua investigação.

Neste processo, Ishii não utiliza uma metodologia pré-estabelecida, pois tal uso a levaria a busca de um certo produto, previamente definido, não havendo espaço para que sua pesquisa caminhasse por caminhos outros, bem como dificultaria o

processo de reflexão sobre as fontes. Nesse prisma, Ishii propõe em sua investigação a “perceber o que, até então, não se percebia” (p. 28). Édouard Glissant contribui com o trabalho de Ishii na medida em que a autora se utiliza da ideia deste autor da construção de uma “poética da diversidade” que rompa com os binarismos da experiência humana, assim, não apontando o que é mais ou menos verdadeiro. Nesse sentido, Ishii não busca tomar os escritos etnográficos de Chandless como totalmente verdadeiros ou como irremediavelmente falsos. Assim, Ishii busca não pintar Chandless como inteiramente estrangeiro ao ambiente amazônico em oposição a um “nativo” deste recorte geográfico.

Essa escolha de pesquisa fez com que a autora expandisse seus horizontes quanto “à abrangência do valor histórico desses documentos enquanto fontes de pesquisa” (p. 29). Segundo Ishii, os relatos de viagem são “ao mesmo tempo, produtos da linguagem e produtores de linguagem. Eles pertencem a um determinado momento na história, mas se movimentam nela enquanto enunciados que constituem um ou vários discursos” (p. 29). Lançando mão de um “olhar político” benjaminiano, a autora busca “‘profanar’ as sacralizações historicamente constituídas” (p. 30) nos relatos de viagem analisados. A partir disso, nos silêncios, margens e rastros dos textos etnográficos do naturalista inglês, a autora procura traças reflexões históricas e discursivas outras, de Amazônias desconhecidas.

O primeiro capítulo trata a respeito do autor que assina os relatos de viagem do *corpus* utilizado na investigação. As informações compiladas por Chandless “serviam a historiadores, geógrafos, antropólogos, linguistas e a tantos outros pesquisadores, como fonte de dados objetivos acerca de aspectos fluviais, econômicos, linguísticos ou arqueológicos das regiões por ele ‘exploradas’” (p. 35). A “exploração científica” do autor serviu como fortificação da expansão “civilizatória” nos mundos “bárbaros” amazônicos. Além disso, seus relatos abrangiam questões que ultrapassavam os interesses cartográficos/hidrográficos. Este capítulo também destaca os primeiros escritos de viagem de William Chandless, mostrando a evolução de seus trabalhos enquanto alguém que “narra” de uma visão “externa”, em que o autor busca evidenciar sua escrita como amparada pela “objetividade dos fatos”, reforçando um caráter cientificista. Contudo, Ishii destaca que seus relatos não são isentos de subjetividade.

No capítulo seguinte, Ishii destaca que toda pesquisa é produzida pela articulação da linguagem de alguém que carrega consigo um conjunto de subjetividades que são geográfica e historicamente inscritas. Nesse sentido, as construções discursivas tecidas por essa pessoa são, de acordo com Ishii, “muitas vezes, encarados como única possibilidade de percepção e compreensão de tudo o que envolve a vida humana” (p. 55). Segundo Ishii, “interpretar é traduzir”. Desse modo, ao interpretar os “mundos amazônicos” pelos quais passou, Chandless traduz segundo seu prisma aquilo que observou e vivenciou. Ishii ressalta que qualquer pessoa que esteja “fora” de uma cultura e se proponha a narrar está fazendo interpretações, não significando que sejam elas falsas, mas, ainda assim, interpretações, sujeitas a falhas e a preenchimentos daquelas lacunas que a memória tende a apagar.

Ishii compreende que os relatos de Chandless estão inseridos em uma categoria classicamente considerada como ciência, que visa “descortinar ou desvendar tudo pelo crivo da razão e da objetividade” (p. 56). Contudo, ainda que a “intenção” seja esta, a pena do autor não está livre da confluência de “realidade” e ficção. Ishii concorda com a percepção de Hideraldo Costa quando o autor afirma que os viajantes que percorreram as Amazônias no século XIX praticaram “discursos escritos” quando relatam a respeito de realidades outras que não a conhecida por eles. As conclusões a respeito desses lugares, homens e mulheres que esses viajantes encontraram durante suas expedições estão envoltas por uma percepção de realidade própria, moldada de acordo com certos costumes, tradições, ideologias, bem como calcadas no compromisso da dominação. Esses escritos, tidos como científicos, tornaram a memória desses viajantes como sinônimo de “verdade”. Contudo, Ishii salienta que sua pesquisa não percebe os escritos de Chandless como uma verdade absoluta, mas como uma “dimensão da realidade”, uma interpretação.

Neste capítulo, Ishii afirma que sua pretensão, corajosa, não é tratar sobre o dito, mas sobre o “‘não dito’, as vozes silenciadas ou as presenças relegadas às margens das narrativas e do discurso dominante nesses relatos” (p. 57), nas bordas dos discursos do autor. Ishii assume que seu modo de análise, sua investigação, suas conclusões não são mais ou menos corretos, mas uma percepção, que tenta não reproduzir determinismos e abre suas páginas à novas interpretações e

problematizações. Desse modo, ela entende que também é uma produtora de discursos, mas que não pretende exaurir as possibilidades de construções de sentido com sua pesquisa. A autora comenta ainda a respeito de como as excursões científicas e os relatos de viagem foram empreitadas de relevante valor no século XVIII e XIX, fontes de produção de subjetividades amplamente prestigiadas pelas elites dos “homens de ciência” do continente europeu, mesmo assim impregnadas por valores, discursos e conceitos historicamente construídos.

Os relatos de Chandless não fogem a esse *background*, reproduzindo, diversas vezes, imagens “edenistas” e “infernistas” a respeito de ambientes amazônicos. Uma das imagens “infernistas” recorrentes é a do vazio demográfico. Os discursos de Chandless estão apoiados em discursos de outros viajantes, que também “descrevem” a respeito da “ausência de civilização” nos ambientes Amazônicos, repetindo estereótipos cristalizados e enfatizando uma percepção desta região enquanto “inferno”. Neste processo de “descrição”, ao pesar a pena no papel, Chandless, conforme afirma Ishii, silencia vozes que poderiam contribuir vastamente com o trabalho que o autor empreendeu, bem como generaliza populações “locais” distintas e julga características físicas, costumes, linguagens, etecetera dessas populações baseado em conceitos seus, re-edita “descrições” de outros viajantes em alguns momentos, não de maneira inocente.

No terceiro capítulo Ishii mostra como os discursos são carregados de ideologias e como essas ideologias são utilizadas no discurso colonizador no processo de diferenciação entre “conquistador” e “conquistados”, elemento dialógico (“eu” e “outro”) que é utilizado dentro desse processo. Outro elemento abordado é o silêncio. Este aparece no trabalho não como algo que “não é”, que “não significa”, mas como uma significação. Neste sentido, Ishii utiliza o conceito de “silêncio constitutivo” de Eni Orlandi, em que ao nomear algo/alguém, por exemplo, nomear um “indígena” de “selvagem”, ocorre um apagamento, o asfixiando àquela significação, incapacitado de circular em outras formações discursivas, como as ocupadas pelo colonizador. Além disso, é a partir desse silenciamento que o colonizador define quais posições podem ser ou não ocupadas por aqueles que são nomeados. Contudo, Ishii chama a atenção para a questão de que essas formações discursivas não devem ser encaradas de maneira dicotômica, mas dialógica, pois um dos esforços empreendidos

nesta investigação é “escapar” da formação de binarismo e essencializações. Observamos por meio de Ishii que nas margens da escrita de Chandless é possível encontrarmos importantes informações que contribuíram para pesquisas como “a presença negra na Amazônia acreana” (p. 98). As vozes obliteradas por Chandless, ouvidas apenas por meio das palavras postas no papel do homem letrado, para Ishii, são mecanismos que “desordenam” o “sistema de interpretação”, a “lógica discursiva” traçada pelo viajante “homem de ciências”.

Ishii termina seu estudo dizendo que as palavras, ainda que desprovidas de matéria em si próprias, se materializam na “(re)produção” de discursos, pois existem “sempre sujeitos, por trás delas, que as fazem desprovidas de neutralidade e de transparência” (p. 107). As palavras carregam historicidade, que “em diferentes tempos e espaços, na relação entre sujeito-sentido”, podem se materializar. Podem, as palavras, segundo Ishii, “sempre ao mesmo tempo, incluir e excluir, mostrar e esconder, revelar e ocultar, ser o ‘eu’ e ser o ‘outro’” (p. 107). Esta é uma das maiores contribuições da pesquisa de Ishii sobre os relatos de viagem de William Chandless, pois a autora consegue de forma tanto serena quanto incisiva nos fazer deslocar nosso prisma de observação do que está dito para o que não está dito, revirando a superfície e entrando embaixo das bordas daquilo que nos salta aos olhos. Ishii mostra como sujeitos e sujeitas amazônicos aceitam, sem muito questionar, aquilo que é dito por meio de discursos denominados científicos.

Em suas conclusões, ao descrever um pouco sobre seu processo de pesquisa, Ishii se descobriu enquanto “estrangeira” de seu próprio lugar, pois ao olhar para seu *corpus* de pesquisa percebeu que debruçava um primeiro olhar como de quem chega de fora a uma variedade de lugares descritos por Chandless que ela mesmo não conhecia profundamente, pois, salienta Ishii, “o ‘estrangeiro’, o viajante inglês, não poderia ser condenado a ser o ‘nosso’ ‘oposto’, pois, no dizer de Julia Kristeva, ‘estranhamente, o estrangeiro habita em nós’” (p. 107). Raquel Ishii não descarta os discursos etnocêntricos cunhados por William Chandless, mas faz com que possamos observar seu caráter paradoxal que por um lado promove o apagamento/silenciamento das vozes das gentes das Amazônias mas que também faz com que essas gentes possam emergir a partir dos escritos do viajante. Assim, Ishii buscou “mais que percorrer [...] as narrativas de William Chandless”, mas também

“mapear as ‘vozes silenciadas’ por suas palavras escritas” (p. 110). A pesquisa de Ishii e o modo como conduz seu processo de investigação nos convidam a buscar desprover nossos olhos de dicotomias e essencialismos e enxergarmos além do que está dito.

REFERÊNCIA

ISHII, Raquel Alves. **William Chandless: arte e ofício em literatura de viagem pelas Amazônias**. Rio Branco: Neplan Editora, 2019.

Recebido em 11/09/2022

Versão corrigida recebida em 15/10/2021

Aceito em 10/11/2022

Publicado online em 15/12/2022